



A IMAGEM NO INTERIOR DA ANÁLISE DE DISCURSO: APRESENTAÇÃO DE UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA

Renata Adriana de Souza¹

RESUMO: contemporaneidade se caracteriza por ser, nas palavras de Aumont (2005), uma “civilização da imagem”, esta expressão se justifica devido ao fato de as imagens serem cada vez mais numerosas e diversificadas em nossa sociedade. As mesmas encontram-se em todos os lugares: na publicidade, em fotografias e vídeos (principalmente os feitos em celulares), e nas mídias de modo geral. Por isso, compreendê-las é, também, um modo de compreender melhor o mundo em que vivemos. Tendo em vista estas considerações, o presente trabalho tem por objetivo expor uma possibilidade de leitura de um discurso imagético do cinema brasileiro que aborda a exclusão de classes marginalizadas de nossa sociedade. Para isso, estamos considerando a imagem independente do discurso verbal, delegando a mesma significação própria. A análise realizada está ancorada em alguns pressupostos teóricos da Análise de Discurso de Linha Francesa, a escolha por esta teoria se justifica por ela considerar o processo de significação pautado na relação entre linguagem e história. Nesta perspectiva, qualquer manifestação da linguagem é considerada em sua materialidade própria e em sua historicidade. Mostrar-se-á neste artigo como ocorre esta relação, entre linguagem e historicidade, a partir desta perspectiva teórica, em um pequeno fragmento imagético de nosso cinema.

Palavras-chave: Análise de Discurso, Cinema e Imagens.

1. INTRODUÇÃO

O estudo da imagem sempre foi realizado considerando-a a partir do discurso verbal. Esta relação é bastante problemática, tendo em vista que a imagem possui um corpo (materialidade) próprio e, este último, significa sem vir ancorado ao verbal.

No cinema, por exemplo, a linguagem imagética é explorada em toda sua densidade, como forma de manifestação, não como cenário. Diferente da TV, a qual pode boa parte do tempo ser apenas ouvida, a imagem no cinema compõe cada nó no tecido visual, não podendo ser descartada.

Desse modo, queremos aqui expor o trabalho que é feito com a imagem em um filme que tematiza uma problemática social bastante presente em nossa sociedade, a exclusão e exploração de classes marginalizadas. Para isso, o filme escolhido foi *Quanto Vale ou É por Quilo?* do diretor Sergio Bianchi. Este filme aborda a temática exposta acima como algo que sempre esteve presente no Brasil, por isso, ele é composto um movimento entre fatos de nossa contemporaneidade e outros do passado, todos relacionados à exclusão e exploração humana.

É importante destacar que na obra de Bianchi este problema social não é trabalhada de modo naturalizado ou constitutivo de nossa sociedade, os conflitos são historicizados, isto permite que se reflita sobre os mesmos. Esta é uma das grandes diferenças entre as imagens no mesmo e na TV, pois a televisão muitas vezes naturaliza

¹ Aluna do Mestrado em Linguística da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – PR.
renatauem@yahoo.com.br

as hostilidades, e reforça o imaginário sobre a exclusão social, violência etc. fazendo parecer que estes problemas são “normais” ou mesmo “indispensáveis” à sociedade.

Segundo Orlandi (2004) considerar os problemas sociais como sendo constitutivos de nossa contemporaneidade é um erro, pois os mesmos são resultados de processos históricos. E esta historicidade é mostrada em *Quanto Vale ou É por Quilo?*

Nesta perspectiva, as imagens escolhidas no filme em questão são indispensáveis à formulação e entendimento da crítica social, por isso escolhemos analisá-las independente do discurso verbal.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Considerando a exclusão social um problema grave de nosso país que tem sido bastante explorado pelo cinema brasileiro, objetivamos mostrar como este último tem trabalhado a crítica social referente a esta questão. Para isso, escolhemos o filme *Quanto Vale ou É por Quilo?* de Sergio Bianchi que traz esta questão, e todos os problemas a ela relacionados, historicizados.

No entanto, nossa reflexão vai se ater ao discurso imagético, ou seja, selecionamos algumas imagens do mesmo para mostrar como é formulada a crítica social referente a esta questão nesta materialidade específica.

A metodologia utilizada é a da Análise de Discurso (doravante AD), devido ao fato de esta disciplina considerar cada manifestação da linguagem em sua complexidade, e em sua multiplicidade, buscando explicitar os caracteres que a definem em sua especificidade, procurando entender o seu funcionamento. Na AD, todo processo de produção de sentidos se constitui em uma materialidade que lhe é própria. E, é na prática material significativa que os sentidos se atualizam, ganham corpo, significando particularmente.

No interior desta conjuntura, Orlandi (1995) propõe trabalhar a imagem como prática discursiva, pois esta noção permite que se aproxime, no funcionamento das diferentes linguagens, aquilo que constitui uma relação produtiva na semelhança entre elas, e distinguir o que é lugar de diferenças constitutivas da especificidade dos distintos processos significantes dessas diferentes linguagens.

Em AD, a noção de prática tem um lugar particular, uma vez que, o discurso é definido como prática discursiva, e não como texto, seqüências de frases, sistemas de representação etc. O discurso é uma prática, no sentido de ser uma mediação necessária, um trabalho (no caso, simbólico) entre o homem e sua realidade natural e social. Prática significando ação transformadora. Tal concepção permite que se restitua historicidade aos fatos da linguagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O filme *Quanto Vale ou É por Quilo?* de Bianchi aborda a problemática anteriormente exposta em dois períodos de nossa história: no período oitocentista, durante a escravidão, onde os fragmentos apresentados enfatizam a maneira desumana com que os escravos eram tratados, excluídos e explorados enquanto seres humanos; e na contemporaneidade, a crítica referente ao período atual recai sobre o chamado terceiro setor de nossa sociedade, isto é, a forma como ONGs e instituições voltadas a ajudar classes excluídas e marginalizadas, na realidade, as estão usando, explorando, com o objetivo de enriquecer. Por meio deste movimento entre presente e passado, ele vai produzindo a crítica social referente a estas duas questões que na obra são tratadas conjuntamente.

Estas questões podem ser observadas considerando apenas o discurso imagético, tendo em vista que as imagens são as principais responsáveis para a produção da crítica social, como é possível observar em:

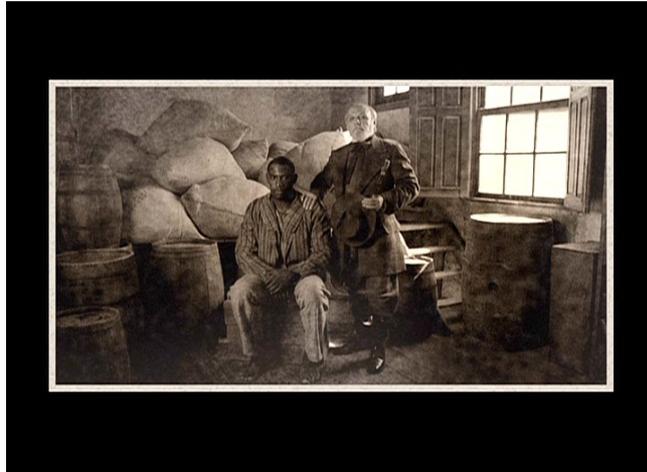
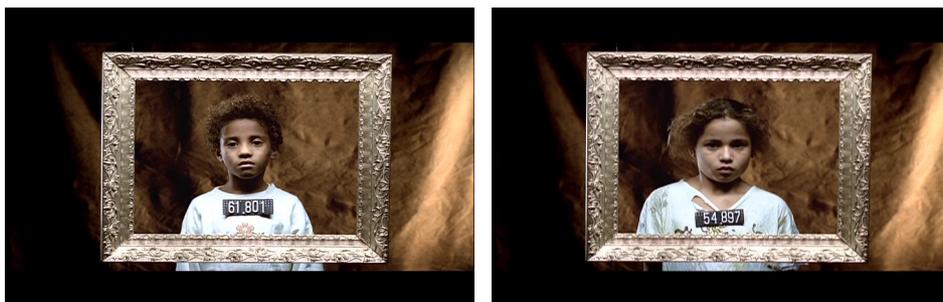


Figura 1

Propomos pensar a imagem, exposta anteriormente, como prática discursiva, pois ela é constituída por uma materialidade própria, possui historicidade e significação ao referir-se à época da escravidão no Brasil. Pela imagem percebemos que o escravo em questão encontra-se incorporado à propriedade e aos bens de seu senhor, é inclusive apresentado junto às mercadorias. Ele é destituído de sua identidade de ser humano e reduzido à condição de “coisa”, seu valor está relacionado ao lucro que pode gerar. Ele está incluído enquanto “mercadoria”, porém excluído, negado, enquanto ser humano.

As imagens que selecionamos que fazem referencia a este problema na contemporaneidade são as seguintes:



Figuras 2 e 3

Este fragmento imagético faz referência ao trabalho de uma instituição voltada a ajudar e promover a inclusão social de crianças carentes. No entanto, a partir do momento em que o filme apresenta estas crianças em molduras de luxo, como se fossem obras de arte valiosas, ele enfatiza o modo como às mesmas são usadas, exploradas, para que a instituição em questão consiga aproveitar-se materialmente da situação.

O modo como estas imagens são apresentadas é o lugar de produção da crítica social como denúncia enfatizando algo que ocorre no Brasil desde o início da colonização, a exploração de classes excluídas da sociedade. Por isso, esta crítica causa certo mal estar no espectador ao expor a maneira como algo extremamente antigo e grave ainda ocorre, com grande frequência e certa facilidade, por meio de muitas instituições voltada a promover inclusão em nossa sociedade. A crítica neste fragmento ocupa o lugar da estranheza, da desestabilização, por trabalhar em um jogo contraditório, deslocando sentidos: crianças com corpos deteriorados, pobreza/molduras de obras de arte, riqueza. Como crianças carentes, miseráveis, podem estar relacionadas, proporcionar riqueza? A possibilidade de pergunta nos diz algo a respeito da posição de inaceitabilidade, pautada nas leis que protegem os direitos humanos, presente em nossa ordem social e a qual o filme se filia.

Diferente da escravidão onde os negros, para serem explorados, eram incluídos enquanto “mercadorias” e excluídos enquanto seres humanos, nesta nova conjuntura, estes corpos devem, necessariamente, estar excluídos tanto como “mercadorias”, quanto pessoas, apenas assim poderão ser explorados pelo terceiro setor.

4. CONCLUSÃO

Com base no conteúdo exposto anteriormente, percebemos, por meio das imagens, que os excluídos de nossa sociedade são discursivizados em *Quanto Vale ou é por Quilo?* como classes passíveis de serem exploradas, podendo fornecer lucros significativos a quem explora. Devido ao movimento entre presente e passado, este fato é enfatizado como algo que sempre esteve presente em nossa sociedade.

Ao remeter as imagens as suas historicidades foi possível perceber a crítica social enfatizada no filme, pois nenhuma das questões aqui levantadas, referentes a exclusão e exploração social, são ditas, no entanto elas são mostradas por meio das imagens.

REFERÊNCIAS

ORLANDI, E.P. Efeitos do Verbal sobre o Não-Verbal. **Rua**: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP – NUDECRI – São Paulo, v. 1, n.1, p. 35-47, 1995.

ORLANDI, E.P. N/O Limiar da Cidade. **Rua**: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP – NUDECRI – São Paulo, Número Especial, p. 7-19, 1999.

QUEIROZ, S. R. R. **Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.

SAWAIA, B. (org.). **As Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SKLIAR, C. **Pedagogia (Improvável) da Diferença. E se o outro não estivesse aí?** Trad. Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.